FALSOS AMIGOS ESTRUTURAIS ENTRE O PORTUGUÊS E O CASTELHANO

ROBERTO CEOLIN
Institut für Romanistik-Universität Salzburg

0. INTRODUÇÃO

A questão dos falsos amigos é algo que normalmente só se põe no âmbito do processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. Vários são os factores que podem contribuir para a existência de falsos amigos entre duas línguas, mas parece ser que um dos mais decisivos é a afinidade entre elas. Uma maior ou menor afinidade pode determinar o seu número/percentagem: como é o caso do português e do castelhano que além de serem línguas românicas são línguas ibéro-românicas.

Não quer isto dizer que os falsos amigos só existam entre línguas que compartem tão estreitas afinidades históricas; lembremo-nos do inglês *push* e do português *puxar*.

Poucos estudos existem sobre falsos amigos entre o português e o castelhano. A bibliografia existente até hoje é composta somente, até onde pudemos verificar, pelos seguintes títulos: *La incidencia de los falsos amigos en la enseñanza del portugués a hispanohablantes* de Hélder Ferreira Monteiro,[1] *Hacia una metodología de la enseñanza del portugués a hispano-hablantes* de Ángeles Sanz Juez,[2] *Heterossemânticos-Heterosemânticos. «Falsos Amigos» entre o Português e o Espanhol* de Maria de Lourdes Carita,[3] *Dicionário de falsos amigos Español-Portugués/Português-Espanhol* de Balbina Lorenzo Feijóo Hoyos[4] e *Dicionário Espanhol-Português de Falsas Semelhanças. Mais de 1400 falsos cognatos com definições e exemplos* de Fabio Marzano.[5]

A estas obras deve-se acrescentar *Dicionário de Falsos Amigos Português-Espanhol e Espanhol-Português* que Helder Montero, autor já citado, prepara.

A falta de obras não se deve à pouca relevância da questão. Os falsos amigos não têm

[1] MONTERO, Hélder Julio FERREIRA (1996): «La incidencia de los falsos amigos en la enseñanza del portugués a hispanohablantes». In: *Actas del Congreso Internacional Luso-Español de Lengua y Cultura en la Frontera* (Cáceres, 1 al 3 de diciembre de 1994). Cáceres: Universidad de Extremadura, Tomo II, pp. 189-277.

[2] SANZ JUEZ, Ángeles (1991): «Hacia una metodología de la enseñanza del portugués a hispano-hablantes». *Boca Bilíngüe* [Badajoz] 5: 57-62.

[3] CARITA, Maria de Lourdes (1999): *Heterossemânticos-Heterosemânticos. «Falsos Amigos» entre o Português e o Espanhol.* Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 83 págs.

[4] LORENZO FEIJÓO HOYOS, Balbina; HOYOS ANDRADE, Rafael (1992): *Dicionário de Falsos Amigos do Espanhol e do Português*. São Paulo: Consejería de Educación de la Embajada de España; Scritta, 129 págs. [reed. Editorial Edelsa, 1998]. Desta última obra Hélder Montero faz a seguinte critica: «Se trata de un diccionario reversible, pero que únicamente tiene en cuenta el portugués en su variante Brasileña, y atendiendo, en la versión española, fundamentalmente, al español de Hispanoamérica, con algunos errores de bulto».

[5] MARZANO, Fabio (2001): *Dicionário Espanhol-Português de Falsas Semelhanças. Mais de 1400 falsos cognatos com definições e exemplos*. Rio de Janeiro: Campus, 364 págs.

BDD-A5221 © 2003 Romania Minor
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:07:24 UTC)

importância somente no que ao processo de ensino/aprendizagem diz respeito mas também à tradução. Não raras vezes, por exemplo, encontramos a expressão castelhana *la gente* traduzida pelo português *a gente*; a semelhança das duas expressões, tão usadas no quotidiano de ambas as línguas, é indubitável e, à primeira vista, parece ser lógico que fossem equivalentes. No entanto, o castelhano *la gente* é equivalente ao português *as pessoas*, (port. erudito *as gentes*); enquanto que a expressão portuguesa *a gente* é equivalente ao espanhol *nosotros* (francês *on*) já que o sujeito enunciante é parte integrante do sujeito enunciado.

O contacto com os falsos amigos é muitas vezes inconsciente e pode demorar um certo tempo até que nos apercebamos da sua presença. Um caso, algo divertido, é o do nome de um grupo de música rock/pop espanhol dos anos 90 chamado *Presuntos Implicados.* Ao ouvido de um português este nome sugere algo correspondente ao cast. *Jamones Implicados;* quando, de facto, o que quer dizer é port. *Presumíveis Implicados*.

O problema da existência de falsos amigos é que estes podem, numa tradução descontraída ou menos cuidadosa, comprometer o conteúdo semântico de um determinado enunciado e em consequência o acto comunicativo.

Não existe um padrão fixo ou único para os falsos amigos. Eles são de natureza diversa e o seu conteúdo semântico também é variável: podem referir-se a coisas próximas entre si, ex. port. *a gente* e cast. *la gente*, a coisas que nada têm que ver uma com as outras: ex. cast. *presunto* e port. *presumível*, ou podem mesmo ter significados completamente opostos; lembremo-nos daquele caso que todos aprendemos quando estudamos latim, o caso da palavra *nunc*, muito semelhante ao português *nunca* mas com sentido completamente oposto: *sempre*.

Chegados a este ponto convém dar uma definição para o conceito de falsos amigos; Hélder Montero, na obra anteriormente citada[6] define falsos amigos como:

> aquelas palavras que, pela igualdade ou semelhança ortográfica e/ou fonética parecem a olho nu fáceis de serem entendidas, traduzidas ou interpretadas, mas que acabam por ser autênticas armadilhas para leitores e tradutores.

O mesmo autor classifica os falsos amigos de:

> **falsos amigos ortográficos**: palavra que coincidindo em ambas as línguas na ortografia, não coincidem ou podem não coincidir na pronúncia; **falsos amigos fonéticos**: palavras que não coincidindo na ortografia, coincidem ou podem coincidir (por uma pronúncia errada) na fonética. Incluídos aqui aqueles que possuem diferentes acentos e **falsos amigos aparentes**: aquelas palavras que sem coincidirem na escrita nem na pronúncia, lembram, pela forma aproximada e devido a associações lexicais várias, outros significados e sentidos diferentes.[7]

Esta definição e tipologia de falsos amigos parece apontar apenas para o aspecto léxico-semântico, ou seja, para o aspecto exterior do vocábulo e para o seu significado. Parece-nos, no entanto, que a questão dos falsos amigos não fica por aqui. Poderíamos também trasladá-la ao aspecto estrutural da língua. Quer isto dizer que, em duas línguas como o português e o castelhano que compartem uma mesma origem, as afinidades das estruturas gramaticais, em especial sintácticas, são enormes.

O processo diacrónico de estabelecimento da língua faz as suas selecções de entre as várias possibilidades que se lhe apresentam. Como tal, é de crer que nem sempre as escolhas históricas do português coincidam com as do castelhano, sendo assim possível que, onde

---

[6] Hélder MONTERO, *op. cit.* p. 190. [trad. do autor]

[7] *ibid.*

BDD-A5221 © 2003 Romania Minor
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:07:24 UTC)

essas escolhas não coincidem, algumas estruturas, pela sua semelhança externa, possam conduzir a erros de natureza semelhante à daqueles que provocam os falsos amigos lexicais. Assim, consideramos *falsos amigos estruturais* ou *estruturas falso amigas*, aquelas estruturas gramaticais, de modo especial sintácticas, ou pelo menos, morfo-sintácticas, que apesar de compartir uma semelhança no seu aspecto exterior não compartem no seu sentido ou no uso, pondo em causa o acto comunicativo do mesmo modo que o fazem os falsos amigos lexicais.

As estruturas aqui consideradas partem da observação que fizemos na sala de aulas das dificuldades que os falantes de castelhano apresentam na hora de aprender português. Aquelas que mais chamam a atenção são o uso do *pretérito perfeito composto* e a perífrase do chamado *futuro próximo*; a estes poderíamos acrescentar *a desinência -ra-/-se- do imperfeito do conjuntivo*.

O problema do complemento directo com preposição e o *leísmo*, especialmente o primeiro, poderia ser considerado também uma estrutura falso amiga, no entanto, parece-nos que estes dois problemas devem ser alvo de uma diferente abordagem teórica, já que o seu uso também em castelhano apresenta problemas.

Outras estruturas falso amigas existem, no entanto, a escolha destas duas tem por base a frequência com que elas ocorrem no discurso quotidiano e o automatismo que daí deriva. É também notório que estas duas estruturas são de difícil domínio e é, inclusive, comum ouvi-las a pessoas de alguma responsabilidade.

1. FALSOS AMIGOS ESTRUTURAIS: O PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO

Um dos tempos verbais mais utilizados nos nossos actos enunciativos é o pretérito perfeito. Isto nada tem de admirável já que a maior parte dos nossos enunciados tem como objectivo contar algo que já se passou.

Tanto o português como o castelhano contam com uma forma sintética —*pretérito perfeito simples*— e uma forma composta —*pretérito perfeito composto*— para este tempo verbal. Destas duas formas, a forma analítica, embora partilhe a mesma origem, tem usos e significados muito distintos nas duas línguas.

Começando pelo castelhano, o uso do *pretérito perfeito simples* e do *pretérito perfeito composto* é equivalente no que diz respeito à situação temporal; ambos dão a ideia de uma acção realizada no passado e já terminada:

> tanto el pretérito perfecto compuesto (he amado) como el pretérito perfecto simple (amé) denotan acciones **medidas directamente y acabadas o perfectas**. Esta coincidencia acerca la significación de ambos tiempos.[8]

A diferença de usos entre ambos reside na distância temporal em relação ao momento de enunciação

> pretérito perfecto compuesto: a) significa en la lengua moderna la acción pasada y perfecta que guarda relación con el presente. Esta relación puede ser real, o simplemente pensada o percibida por el hablante. Por esto nos servimos de este tiempo para expresar el pasado inmediato; [...] también denota el hecho ocurrido en un lapso de tiempo que no ha terminado todavía [...] lo empleamos asimismo para acciones alejadas del presente, cuyas consecuencias duran todavía.[9]

[8] RAE (1973): *Esbozo de una Nueva Gramática de la Lengua Española.* Madrid: Espasa Calpe, p. 465-466 § 3.14.2.

[9] *ibid.*

BDD-A5221 © 2003 Romania Minor
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:07:24 UTC)

Assim, o pretérito perfeito simples, em castelhano, utiliza-se para expressar uma acção num tempo bem determinado e já acabado enquanto que o composto serve para exprimir uma acção passada e perfeita mas num determinado período cronológico que ainda não findou.

Vejamos um exemplo:

> Tras varias mejoras técnicas, los Concorde de Air France y British Airways-que tiene siete aviones supersónicos-**reiniciaron** sus vuelos **el 7 de noviembre** de 2001, pero el alto coste de su mantenimiento y la caída en picado de la demanda de pasajes, especialmente a raíz de la guerra de Irak, **han supuesto** la puntilla adversa al único aparato supersónico de transporte civil del mundo.[10]

Podemos ver como *reiniciaron*, forma simples, é acompanhada de uma localização temporal expecífica *el 7 de Noviembre*, tempo esse que já passou. Pelo contrário, a forma *han supuesto* dá a ideia de algo que não está perfeitamente bem especificado no tempo, tempo esse que possivelmente ainda não acabou.

Quando duas acções coexistem numa mesma frase o composto serve para enunciar aquela que estiver mais próxima do momento de enunciação:

1. ***Ayer comí*** *en casa pero* ***hoy he comido*** *en el restaurante aquí al lado*

Em relação ao momento de enunciação ambas as acções são pretéritas, mas uma se relaciona com *ayer* e outra com *hoy*. A mesma frase em português seria:

2. ***Ontem, almocei*** *em casa mas* ***hoje almocei*** *no restaurante aqui ao lado*

Ambas formas castelhanas —simples e composta— são equivalentes a formas simples em português.

Quando no passado dia 30 de Maio se deu um novo atentado da ETA em Espanha, as palavras de um conhecido ministro, segundo a página de Terra,[11] foram:

> «ETA **ha vuelto** a asesinar», **ha afirmado** [...] «el Gobierno quiere manifestar su dolor y su pesar a las familias y las personas más allegadas de las víctimas».

Estas mesmas palavras foram traduzidas pela agencia *Lusomundo* na página da TSF[12] para:

> «A ETA **voltou** a matar», **assegurou**, acrescentando «o governo quer manifestar a sua dor às famílias e aos amigos das vítimas».

Aqui, como podemos verificar, mais uma vez, as mesmas acções que em castelhano são descritas com a forma composta do pret. perf. são descritas em português com o pret. perf. simples.

Quando se usa, então, o *pretérito perfeito composto* em português?

Este tempo teve em português medieval um uso semelhante, ou mesmo idêntico, ao do

[10] No jornal *ABC* (30/05/2003), «Despega de París el último Concorde que viaja a Nueva York».

[11] http://www.terra.es/

[12] http://tsf.sapo.pt/

BDD-A5221 © 2003 Romania Minor
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:07:24 UTC)

castelhano e do italiano. Note-se que também em francês esta distinção se está a perder em favor da forma sentida como mais fácil, a forma composta.[13] De facto, em francês, hoje em dia quase somente podemos encontrar o pretérito perfeito simples em textos escritos e em particular em textos de carácter muito formal.

Em português contemporâneo, a distinção entre o perfeito composto e o perfeito símples é uma distinção aspectual. Em castelhano, o aspecto do *perfeito composto* e do *perfeito simples* é o mesmo. Assim que, a diferença entre o pret. perf. composto em português e em castelhano reside na diferença de aspecto.

A acção descrita por esta forma verbal em português reporta-nos a uma acção durativa que começou num passado e que dura até ao momento de enunciação. Esta acção pode continuar ou não após o momento de enunciação mas o que é imprescindível é que ela ainda esteja a decorrer no momento de enunciação:

> a FORMA COMPOSTA exprime geralmente a repetição de um acto ou a sua continuidade até o presente em que falamos.[14]

Já o pret. simples denota uma acção completamente terminada num tempo bem definido:

> a FORMA SIMPLES indica uma acção que se produziu em certo momento do passado. É a que se emprega para "descrever o passado tal como aparece a um observador situado no presente e que o considera do presente".[15]

Como já se disse, a diferença entre estes tempos é aspectual. O pret. perf. simples é perfectivo e o composto durativo; existe entre eles a mesma distinção aspectual que existe entre o composto castelhano e o composto português.

A relação que a acção expressa pela forma composta e pela forma simples tem com o presente, em português, pode parecer a mesma que em castelhano:

> o PRETÈRITO PERFEITO SIMPLES, denotador de uma acção completamente concluída, afasta-se do presente; o PRETÈRITO PERFEITO COMPOSTO expressão de um acto repetido ou contínuo, aproxima-se do presente[16]. Esta mesma diferença temporal também existe em castelhano: pretérito perfecto compuesto: a) significa en la lengua moderna la acción pasada y perfecta que **guarda relación con el presente**. [...] Por esto nos servimos de este tiempo para expresar el pasado inmediato;[17]

no entanto o aspecto é totalmente diferente: em castelhano ambas são perfectivas e em português somente a forma simples é perfectiva. É aí que reside toda a diferença que depois se concretiza no diferente uso que se faz em ambas as línguas destas duas formas verbais.

A relação que as duas formas têm em português pode ser demonstrada com duas frases muito simples; a primeira:

---

[13] BOLÉO, Manuel DE PAIVA (1936): *O Perfeito Português em Confronto com as Outras Línguas Românicas (Estudo de Carácter Sintáctico-estilistico)*. Coimbra: Biblioteca da Universidade.

[14] CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. LINDLEY (1984²): *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, pp. 453-454.

[15] *ibid.*

[16] *ibid.*

[17] RAE, *op. cit.*, p. 466 § 3.14.2.

BDD-A5221 © 2003 Romania Minor
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:07:24 UTC)

3. ***Vivi*** *uma vida feliz* vs.
4. ***Tenho vivido*** *uma vida feliz*

Temos o mesmo material lexical e a mesma estrutura sintáctica, excepto pela forma simples vs. composta do verbo. O sentido destas duas frases é, no entanto, completamente diferente. A primeira delas diz-nos que o sujeito enunciante já não é feliz, a sua felicidade já acabou, enquanto que a segunda diz que, no momento em que pronuncia estas palavras, continua ainda a ter uma vida feliz. A relação da forma do verbo com o seu objecto dá-nos a ideia da acção *viver uma vida feliz* terminada ou não.

Já na frase: ***Esta semana trabalhei*** *imenso* vs. ***Esta semana tenho trabalhado*** *imenso*, perante, uma vez mais, o mesmo material lexical e o mesmo material sintáctico, a informação que estas frases é de carácter temporal: a primeira diz-nos que a semana já acabou e a segunda que a semana de trabalho ainda está a decorrer. A informação que obtemos resulta da correlação da acção da forma simples vs. composta do verbo com a circunstância de tempo.

O aspecto durativo vs. perfectivo destas formas de passado podem tornar a sua relação com determinadas unidades de tempo incompatíveis: por exemplo uma frase como

5. **Hoje tenho almoçado bem*

"tradução" do castelhano

6. *Hoy he comido bien*

é completamente impossível.

A semelhança da forma composta do pretérito perfeito em castelhano e em português pode conduzir em erro, e de facto, conduz, a muitos daqueles que sendo falantes de castelhano tentam aprender português. O diferente aspecto que o composto tem em castelhano e em português resulta um conjunto de usos muito distintos desta forma verbal nas duas línguas. Ocasionalmente estas duas formas podem ser equivalentes, nunca sem que venham acompanhadas de uma outra unidade, normalmente um advérbio.

2. O «FUTURO PRÓXIMO»

Outra estrutura que poderíamos considerar falso amiga é a do chamado *futuro próximo*.

Na língua portuguesa contemporânea, o futuro imperfeito ou simples é um tempo que se usa pouco na linguagem coloquial, pelo menos para expressar futuridade; o futuro simples é, normalmente, usado para exprimir dúvida em relação ao futuro.

Assim, à pergunta

7. *O que é que vais fazer amanhã?*

a resposta mais normal seria

8. *Vou visitar o meu irmão.*

Nunca se diria

BDD-A5221 © 2003 Romania Minor
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:07:24 UTC)

9. *Visitarei o meu irmão*,

mas se se dissesse o sentido seria

10. *Talvez vá visitar o meu irmão.*

A estrutura mais usada para expressar o futuro em português é a perífrase composta pelo presente do indicativo do verbo ir e o infinitivo presente do verbo principal,[18] a esta estrutura é costume dar-se o nome de *futuro próximo*.

Embora em castelhano o uso do futuro não tenha as mesmas implicações que em português, o futuro próximo é também uma forma de expressar a futuridade muito comum na linguagem quotidiana. A perífrase para esta estrutura é muito semelhante, mas não igual: em castelhano é constituída pelo presente do indicativo do verbo *ir* seguido da preposição *a* e do infinitivo presente do verbo principal; assim temos:

11. port. ***Vou comer***. vs.
12. cast. ***Voy a comer***.

Ambas as perífrases têm a sua origem no latim *eo ad* seguido de infinitivo (acusativo do gerúndio). No caso do português a preposição perdeu-se na língua *standard*. Podemos ainda encontrar vestígios do seu uso nos falares de Trás-os-Montes e da Beira Interior. Estes vestígios poder-se-iam considerar conservadorismos, o mais natural, ou influência do falar castelhano do outro lado da fronteira, embora esta última explicação pareça menos provável.

A confusão criada pela semelhança destas duas estruturas não seria tão grave se não existisse em português uma outra perífrase que, com sentido totalmente distinto, é exactamente igual à perífrase castelhana de futuro próximo.

Existe em português standard europeu uma estrutura sintáctica que substitui a perífrase de *ir* mais *gerúndio*. Esta estrutura, mais usada em português do centro e do norte de Portugal continental, é constituída pelo verbo *ir*, a preposição *a* e o *infinitivo*. Quando esta perífrase está no presente é exactamente igual ao futuro próximo do castelhano.

Disto resulta que a estrutura portuguesa ***Vou comer*** tem o seu equivalente castelhano em ***Voy a comer***, estrutura essa que é aparentemente igual ao português ***Vou a comer***, que por sua vez é equivalente ao castelhano ***Voy comiendo***.

Também em português poderíamos substituir a forma *vou a comer* por *vou comendo* como aliás é a forma normal em português dos Açores, da Madeira, do sul de Portugal, Alentejo e Algarve, de algumas regiões de África e única forma reconhecida no português do Brasil. Esta é, além do mais, a forma mais próxima do latim e que comparte a sua origem com a forma castelhana.

Assim, poder-se-iam considerar estruturas falsos amigas o chamado ***futuro próximo*** castelhano e a construção do gerúndio preposicional ***a mais inf. presente*** em português.

3. OUTROS CASOS

Outro caso a que anteriormente fizemos referência é o problema que pode causar a desinência de pretérito imperfeito do conjuntivo.

Em português existem duas formas para o mais-que-perf. do indicativo; uma sintética

[18] Excepção feita ao próprio verbo ir cujo futuro próximo é igual ao presente.

BDD-A5221 © 2003 Romania Minor
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:07:24 UTC)

amara e uma analítica *havia/tinha amado* e uma só forma sintética para o imperfeito do conjuntivo *amasse*; em castelhano, pelo contrário, existe uma só forma para o indicativo *había amado* e duas formas sintéticas opcionais para o imperf. do conjuntivo *amase* e *amara*. O problema reside em que a forma de conjuntivo *amara*, hoje a mais usada, é igual à forma do indicativo português.

A modalidade simples ou sintética *amara* tem a sua origem na forma sincopada do *præteritum-plus-quam-perfectum* latino *amaram* (<AMĀ(VĔ)RAM). Esta forma sincopada só existiria nos casos em que a semivogal velar, morfema de pretérito, se encontrasse entre vogais do mesmo timbre (ex.: AUDIVĪ ou AUDIĪ). No entanto, sabemos que, desde muito cedo esta forma era utilizada pelos poetas por necessidades métricas e que se tratava de uma forma da linguagem popular. A comparação linguística estipula a forma sincopada como responsável pela forma de pretérito das línguas ibero-românicas.

A forma *amara* era em castelhano antigo uma forma de indicativo mas com o avanço da forma analítica esta forma caiu em desuso. Talvez devido a uma certa confusão que existia entre a sintaxe de indicativo e do conjuntivo (podemos encontrar uma confusão do mesmo género em português dialectal e em certas regiões remotas do Brasil, onde se pode ouvir com relativa frequência *melhor fora* por *melhor fosse* ou *talvez fora melhor* por *talvez fosse melhor*), esta forma passou para o conjuntivo e é hoje a mais usada de entre as duas que existem para este modo.

Em português contemporâneo a forma sintética do mais-que-perf. é muito pouco usada na linguagem coloquial *standard*, assim que o indicativo parece não apresentar grandes problemas quer aos portugueses que aprendem castelhano quer aos falantes de castelhano que queiram aprender português. No entanto a forma do conjuntivo pode apresentar, e de facto às vezes apresenta, dificuldades.

Algo mais problemático é o caso do *leísmo*. Por leísmo se entendo o uso abusivo da forma dativa do pronome pessoal em contextos sintácticos onde a forma acusativa seria mais apropriada. A Real Academia diz que

> teniendo en cuenta el origen etimológico de estas formas y la práctica más autorizada entre los escritores modernos, recomienda para el uso culto y literario la siguiente norma general: [...] «le», dativo de ambos géneros, y además como acusativo masculino de persona, pero no de cosa; [...] Así, pues, tratándose de un hombre podemos decir indistintamente «No lo conozco» o «No le conozco»; pero si se trata de una mujer, solo podemos decir «No la conozco»; hablando de un libro, «Lo tengo en casa».[19]

No entanto, o leísmo está cada vez mais enraizado na língua espanhola quotidiana e é um problema à primeira vista sem solução. Tal problema não existe em português e como tal é incompreensível. Os falantes de castelhano que praticam o leísmo na sua língua materna tendem a perder totalmente a consciência sintáctica de distinção entre objecto directo e objecto indirecto. Isto leva a que produzam em português enunciados como:

13. **telefonei-**o**,*
14. **vi-**lhe**,*
15. **disse-o que*…,
16. *Viste a Maria? Sim, *encontrei-lhe ontem.*, etc.

A falta de consciência sintáctica da diferença entre o objecto directo e o indirecto é coadjuvada pela existência em castelhano de um vasto conjunto de circunstâncias nas quais o

[19] RAE, *op. cit.*, p. 424 § 3.10.5 c)

BDD-A5221 © 2003 Romania Minor
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:07:24 UTC)

complemento directo é introduzido pela preposição *a*;[20] a mesma preposição que também introduz o complemento indirecto. Tal como no caso do leísmo, embora não tão drasticamente, esta construção também se está a generalizar. Além do mais, existem também verbos que são transitivos directos em português e indirectos em castelhano e vice-versa.

Apesar dos problemas que estes dois últimos casos põem à quele que deseja aprender o outro idioma, não se podem considerar estruturas falso amigas.

4. A MODO DE CONCLUSÃO

Como já antes se disse, a grande afinidade histórica entre o português e o castelhano, determina, em parte, o grande número de falsos amigos lexicais que existem entre estas duas línguas.

A estes devemos juntar algumas estruturas que podem conduzir a erros semelhantes àqueles que os falsos amigos lexicais produzem. Ao contrário destes, os estruturais são em muito menor número, mas também estão muito mais automatizados no uso inconsciente que fazemos da linguagem, em especial no contexto coloquial menos formal. O problema posto pelos falsos amigos estruturais é que, tratando-se de estruturas sintácticas, todas elas usadas na língua de todos os dias, e devido à grande semelhança que o castelhano e o português mantêm entre si, torna, de facto, muito difícil o domínio destas estruturas e a solução deste problema. O problema dos falsos amigos lexicais é identificá-los e o dos estruturais é dominá-los.

Ao mesmo tempo que esta grande semelhança entre as duas línguas em questão é uma grande vantagem, por exemplo no que diz respeito à aquisição de vocabulário, para aqueles que, sendo falantes de uma delas, querem aprender a outra, pode tornar-se também na sua maior dificuldade.

5. BIBLIOGRAFIA

BOLÉO, Manuel DE PAIVA (1936): *O Perfeito Português em Confronto com as Outras Línguas Românicas (Estudo de Carácter Sintáctico-estilístico)*. Coimbra: Biblioteca da Universidade.

CARITA, Maria de Lourdes (1999): *Heterossemânticos-Heterosemânticos. «Falsos Amigos» entre o Português e o Espanhol*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. LINDLEY (1984[2]): *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

«Despega de París el último Concorde que viaja a Nueva York». *ABC* (30 maio 2003).

SANZ JUEZ, Ángeles (1991): «Hacia una metodología de la enseñanza del portugués a hispano-hablantes». *Boca Bilíngüe* [Badajoz] 5: 57-62.

LORENZO FEIJÓO HOYOS, Balbina; HOYOS ANDRADE, Rafael (1992): *Dicionário de Falsos Amigos do Espanhol e do Português*. São Paulo: Consejería de Educación de la Embajada de España; Editorial Scritta. [reed. Editorial Edelsa, 1998]

MARZANO, Fabio (2001): *Dicionário Espanhol-Português de Falsas Semelhanças. Mais de 1400 falsos cognatos com definições e exemplos*. Rio de Janeiro: Editora Campus.

MONTERO, Hélder Julio FERREIRA (1996): «La incidencia de los falsos amigos en la enseñanza del portugués a hispanohablantes». In: *Actas del Congreso Internacional Luso-Español de Lengua y Cultura en la Frontera* (Cáceres, 1 al 3 de diciembre de 1994).

[20] *idem* p. 372-375 § 3.4.5-8

BDD-A5221 © 2003 Romania Minor
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:07:24 UTC)

Cáceres: Universidad de Extremadura, Tomo II, pp. 189-277.
RAE = REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (1973): *Esbozo de una Nueva Gramática de la Lengua Española.* Madrid: Espasa Calpe.

BDD-A5221 © 2003 Romania Minor
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:07:24 UTC)